Eysenck, H. J. ed. *A model for personality.* New York, Springer-Verlag-Berlim Heidelberg, 1981. xii 287 p.

Afirmam os céticos que muitos dos casos de angústia, ansiedade, depressão, agressividade e outros problemas discutidos no divã do psi-

canalista teriam pronta cura não fosse o estado de ignorância em que ainda se encontra a medicina. Pensam esses críticos que o corpo é o único elemento de realidade do ser humano, bastando corrigir anomalias detectadas nos componentes químicos do sangue, deficiências hormonais ou lesões orgânicas, para que se operem mudanças nos padrões de comportamento da pessoa.

Numa hora em que a medicina psicológica começa experimentalmente a comunicar resultados positivos em casos de doenças mentais, através da modificação do metabolismo enzimático do paciente, a publicação do livro de Eysenk oferece subsídios tanto para a justificação teórica como para a realização de estudos na área da psicologia da personalidade que associem fatores orgânicos e psicológicos.

Respaldado em teorias psicofisiológicas, Eysenck propõe-se a rever nesta obra estudos realizados com base no seu modelo de personalidade. Reúne tanto estudos experimentais de personalidade baseados nos conhecimentos gerados pela fisiologia, pelas observações dos danos provocados no organismo em conseqüência de lesões cerebrais e de efeitos do uso de drogas, como estudos fundamentados na psicologia da aprendizagem, memória e condicionamento. Coroa o trabalho um capítulo dedicado à análise de estudos da personalidade conectada com várias formas de comportamento social.

O editor esclarece na introdução que o livro tem como propósito fundamental discutir a importância, função e oportunidade da construção de modelos científicos, para o estudo da personalidade que contenha amplo poder explanatório e preditivo.

A argumentação sustentada por alguns estudiosos de que não há estabilidade de traços personalógicos, ou mesmo a negação da existência de traços gerais capazes de definir tipos distintos de personalidade que nos capacitem a fazer predições de comportamentos sociais, torna-se insustentável ante a abundante narrativa de experimentos vinculando fatores e comportamentos.

O modelo tridimensional em exame afirma que a personalidade pode ser descrita em termos de traços tais como sociabilidade, impulsividade, atividade, para citar alguns dentre os vários descritos pelo autor.

Esses intercorrelacionam-se e formam fatores de ordem superior denominados: *E* (extroversão-introversão), *N* (neuroticismo-estabilidade) e *P* (psicotismo-superego).

Alguns teóricos sustentam que o modelo é insuficiente para descrever os numerosos atributos que caracterizam os temperamentos dos seres humanos. Com tal crítica revelam no entanto, segundo Eysenck, desconhecimento do significado de um modelo científico. Um modelo jamais é verdadeiro em sentido absoluto. Deve representar a realidade de modo simplificado, quase como uma ficção conveniente, capaz de dar explicações científicas e não revelar a realidade ontológica dos fenômenos observados. Se o modelo for muito complicado, perde sua utilidade. Mas nada impede que as três dimensões *E*, *N* e *P* sejam desdobradas em outros componentes descritivos para incluir as numerosas variações individuais, apesar da análise fatorial não demons-

trar clara separabilidade, tal como aconteceu com outros modelos mais complexos (o autor refere-se ao modelo dos 16 fatores de Cattell).

Para demonstrar seus propósitos científicos termina o livro com uma crítica realizada por J. A. Gray às teorias de Eysenck, na qual indica a existência de hipóteses alternativas quanto aos fatores extraversão e introversão ligados a neuroticismo e psicotismo. Apesar de rebater as críticas que lhe foram dirigidas, Eysenck faz questão de confirmar sua atitude científica dizendo que "se não somos capazes de julgar objetivamente as teorias rivais, jamais alcançaremos o estatuto de uma ciência".

ELIDA SIGELMANN